

Procurarei ser breve - se não puder ser ameno - e assia me detenho já, de seguida, em alguns aspectos do nacionalismo africano.

Apostrofado por muitos, que lhe assacam etnocentrismos globais a beirarem a rejeição do mundo de fora de África, dirijo-me à memória dos que me escutam, com a evocação de um tempo de relacionamentos assimétricos. Era o tempo da terra-tenência civil e militar, a hi polarizar a dominação do europeu e a sujeição do africano, assumida e salvaguardada por meio das missões de soberania que, neste momento, não morreram ainda, no olhar vetusto, no olhar nostálgico...

Das posições extremas contra o europeu - que rejeito - pois não me subordino a pensamentos e a emoções objectivados pela demagogia, o que as alimenta e as provoca é o estorvo sistemático, destinado a dificultar as mudanças em direcção a sociedades nacionais africanas totalmente liberas e capazes de se afirmarem por si próprias.

Naturalmente que é bem melhor, para o europeu, que depois da caçada, o africano lhe traga à mesa do banquete o barbecue ainda a fumar, o que torna o problema complexo. Entrementes que, por sua actualidade ainda, recorde Frantz Fanon, o malgrado médico e sociólogo, na agudeze fenomenológica com que se debruçou sobre o africano dominado, esmiuçou-lhe a situação de desfavor.

O problema do homem africano dominado viria a ser retomado, de entre outros, por Albert Memmi, que denuncia o facto de numerosas carências do colonizado serem resultantes, quase directas, das vantagens que ainda derivam, daí, para o ex-colonizador.

Diz Memmi que, apoiando-se em correias de transmissão, na altura em que os surtos da libertação enxotaram o ex-colonizador de África, o europeu descobriu, então, uma alternativa: ao substituir as antigas missões de soberania por uma pretendida missão cultural...

Seria, desde modo, qualquer coisa de espiritual, tendo o lucro como suporte; designadamente, havendo algumas formas de descolonização que se levam ainda por diante com dificuldade, justamente, porque o ex-colonizador não renuncia aos privilégios que ^{linda} sorrateiramente surripiar, através de vários artificios.

Trata-se, não há negar, de uma situação concreta de afrontamento. Em alguns casos, até, a sustentar assustadores rituais do ódio, no fascínio horrível de um palco de frente a frente, em que se colocam, de um lado, o opressor, de outro lado, o oprimido. As posições reflexas e decorrentes dessa situação que se arrasta, vêm da parte de quem se sente apetrechado para assumir a defesa dos próprios valores; de quem se municiou, devidamente, para encontrar respostas aos assuntos internos do seu país, à luz da História,

Sumário

ciente de uma identidade e de uma autenticidade a envolver conceitos tais como os de povo-senhor-de-si-mesmo, que não deseja que o seu poder de iniciativa lhe seja roubado ou escamoteado pelo ex-colonizador,

É assim que a luta se assume. Isto é, como um valor entrincheirado na única realidade para que o africano possa subsistir: a realidade da sua liberdade em pleno.

CONCEITO DE CABOVERDIANIDADE - um contributo pessoal

Dois temas intimamente ligados, se movimentam no cenário caboverdiano: o desenvolvimento e o nacionalismo.

Como imperativo de sobrevivência, o desenvolvimento deverá ser conduzido adentro das fronteiras do arquipélago, pelos nossos técnicos e pelo nosso trabalho.

Já o nacionalismo é atitude mental. Trata-se de um comportamento político. Trata-se de uma consciência colectiva. Ambos são implantadas por forma a configurarem a atmosfera e o clima do país, condicionando a marcha do seu desenvolvimento.

Nacionalismo será atitude arvorada pelo cabo-verdiano de hoje, assente no seu desejo de ver o país próspero e emancipado de qualquer tutela. De tutela, não só política. Como ainda de tutela, na sua vida económica. De tutela, na sua vida cultural.

É um movimento de afirmação em todos os campos. E só na aparência a estes se afiguram separados; já que, interligados, todos eles mutuamente se fertilizam e se condicionam.

Quero deixar particularmente evidente que não estou a tentar uma solução para o problema caboverdiano. Porém, de qualquer modo, quanto a mim, a solução teria de variar segundo as possibilidades e as necessidades locais.

De problema sem dúvida aliciante e complexo, estou com isto a desfibrar alguns elementos, deixando a outros o trabalho de voltar a montá-los. Se, até ao presente, não apoiei nem combati propostas específicas, no que diz respeito aos problemas nacionais caboverdianos, exame atento que haja, segundo me parece, há por certo de estar apontado não só à unidade como também às diferenças de critério, quanto aos aspectos culturais, políticos e económicos.

Já não sei quem disse que uma cultura nacional só poderá florescer, a partir de uma constelação de culturas internas, cujos elementos integrantes, beneficiando-se entre si, em arremate final, beneficiam o todo.

§

Continuando a estratar pontos de vista no campo das ideias e a partir de um princípio de caboverdianidade, direi que a sorte das ideias é vária, como a sorte dos homens.

Nov 21 3

Daí que as haja de vida curta - na Filosofia, nas Artes, nas Letras e nas Ciências - pelo que brilhantes por vezes, de conteúdo embora vivo, elas se esgotam num fogacho de palha. O que delas fica, é um rasto que se empalha no túmulo solene de um qualquer dicionário.

Mas, outras ideias há que em poderosa vitalidade se instauram na forma de verdadeiras constantes históricas. A par da vida da Humanidade, é assim que essas ideias se encaminham. E, à medida que o tempo corre, elas vão vestindo formas novas, num dinamismo que tendo partido de uma hora iniciática, se foi a transmutar, no sentido de uma aguda actualidade...

De entre as ideias privilegiadas que se antepõem a um caboverdiano, nenhuma tem mais força, nenhuma é mais actual, do que essa ideia de caboverdianidade.

Num mundo repartido por esferas de influência a escorarem forças de uma intensidade inigualada, já me tenho perguntado sobre que sentido se há-de atribuir, consensualmente nos dias de hoje, a essa ideia-força, que é a caboverdianidade de um país pequeno como o nosso. E que no campo doutrinário, não vejo agitada como já deveria ter sido, não obstante ela ser rica de potencialidades que serão todas as que nos são subjacentes? E que em sua projecção na política positiva, pode revestir a força de um roble a despojar do nosso chão nativo?...

A primeira coisa que me atrai, é o facto da continuidade dos tempos vir estando a garantir a permanência do conceito. Porém, intuído como bandeira; porém, sem credo e sem signo, inatacável em si mesmo, todavia, a precisar de ser definido com rigor.

Como expressão de nacionalismo, pode dizer-se acerca da caboverdianidade que, ao longo da História de Cabo Verde, ela se reclamou de modelo da nossa formação. Como expressão interessada da sociedade, numa codificação de tendências e constâncias suportadas pela expressão linguística nacional, que foi como ela primeiro se particularizou e se nativizou. Porém, não chega a minha afirmação.

No âmbito de curiosidades e intenções que deverão ser reunidas para um futuro debate, não nos esqueçamos de que se sabe mais, acerca de uma civilização, de uma sociedade, de um povo, quando - com seriedade e independência - se debate o realismo construtivo de todos os cometimentos, ao longo do seu percurso histórico.

CABOVERDIANIDADE - um contributo literário

Uma das controvérsias mais curiosas no escopo da literatura moderna, sem dúvida, é o saber-se se ela deve ser simples reflexão de um estado psicológico, de tumulto de paixões interiores, de conflitos da consciência; ou se, pelo contrário, ela deve constituir a imagem viva do meio social.

14

A literatura, seja como for, será sempre uma expressão de costumes e sentimentos, de tendências e hábitos de uma colectividade.

Por isso, se pode dizer que os séculos XVIII e XIX estão documentados por intermédio de romancistas franceses e ingleses da craveira de Balzac, Zola, Walter Scott e Charles Dickens. Eles permitiram-nos, efectivamente, reconstituir as ideias e os sentimentos da sua época.

Devido ao seu direito de oferecer um testemunho, assiste ao escritor a autoridade moral de erguer a voz para se fazer entendido. Dotado de um capital de confiança a pleno direito, cabe ao escritor preencher a sua função social, quando auxilia a tornar mais conhecido o homem, o mundo, as ideias e as realizações de uma família que se esgota, ao fim e ao cabo, no povo a que essa família pertença.

No caso de Cabo Verde, a função do escritor serve admiravelmente a caboverdianidade. É que o universo caboverdiano necessita de pensadores, cientistas, poetas cultos e populares, cantores, músicos, pintores e ceramistas. São eles, que em suas mensagens, demarcam as linhas de força da nossa psiquê. São eles que, melhor e mais adequadamente do que qualquer alienígena, exemplarizam a alma criadora da nossa nacionalidade.

Recolhendo os factos em episódios espontâneos, o romancista exerce uma função social que não se subordina a métodos políticos nem a conveniências mafiosas. Antes, o romancista é liberto, em suas velas abertas ao espírito do tempo, as suas atitudes se definem como um esforço próprio, com vista à inteligibilidade do universo. Debaixo de essa atmosfera de liberdade plena, em que o escritor se deve movimentar, pouco lhe importa demonstrar, pouco lhe importa justificar-se, pouco lhe importa contestar quem quer.

Todavia, aí, importa - sim!

Importa lembrar Mannheim. Sociólogo para quem o mundo é conhecido através de orientações diferentes.

São várias as tendências simultâneas e mutuamente contraditórias. A chave de um conflito, que eu sei que interessa trazer latente, com vista a separar os escritores, melhor, os intelectuais caboverdianos, deve antes de tudo ser procurada a partir dos interesses materiais em jogo. Deve ser procurada a partir dos interesses e impulsos, cuja função, para que possa haver daí proveito e para usarmos as palavras do sociólogo Mannheim, se destinam "a esconder o verdadeiro sentido da conduta e não a revelar esse sentido", sobretudo, se estiverem em jogo vantagens materiais, a sobreporem-se à isenção que é apanágio do investigador que realmente seja sério.

Todas estas considerações são importantes. Porque à semelhança da propaganda turística, a história literária de Cabo Verde não tem conseguido eximir-se à contemplação de falsidades, de falsidades das coisas e dos homens. Tal como em casos sobejamente denunciados no Exterior, ela não tem

passado de uma literatura de compromisso, que não sabendo penetrar na alma autêntica da terra e dos homens, em busca da oculta essência, prefere ignorar. Prefere escamotear. Prefere servir-se. Mas, não prefere servir.

Em consequência, a história da literatura de Cabo Verde, afóra um texto culto, de universitário esclarecido, da autoria de Russel Hamilton, continua por escrever. Muito embora, nos recônditos infernais da nossa memória colectiva e expressa na cifra existencial, literária, musical e, até, pictográfica, subsita uma outra consciência da história literária caboverdiana. Refiro, naturalmente aqui, a consciência da história literária caboverdiana íntegra, que está ainda por ser escrita por caboverdiano. História literária mais verdadeira, porque conforme ao sentimento íntimo do destino caboverdiano, história literária independente, porque não sujeita a palavras de ordem de ex-colonizador, história literária não deturpadora da verdade dos acontecimentos.

§

Temo de ensombrar esta reunião de intelectuais que aqui celebram os cinquenta anos do surgimento da revista "Claridade". Na segunda fase, dela fui colaborador. Assim como dela fui editor, nessa mesma fase.

No entanto, por ter considerado uma afronta à caboverdianidade que um alienígena fosse solicitar auxílio financeiro a uma entidade estrangeira para - autorizado ou não por quem quer - lançar no mercado comercial a reedição da revista em apreço,

perfilhando a indignação de vários intelectuais caboverdianos na emigração e no exílio, aliás expressa, designadamente, em programas de rádio e na imprensa, proibí em carta registada com aviso de recepção, a inserção de todo e qualquer trabalho da minha autoria ou referência a meu nome, nessa edição pirata. Em tomada de posição prepotente, de pura dominação, a minha decisão foi ignorada. Novi processo-crime, por intermédio da Sociedade Portuguesa de Autores, pela utilização abusiva e a contra-gosto, de obras de minha propriedade literária.

É meu dever alertar os caboverdianos conscientes, meus compatriotas, de que é tempo de cada um falar pela sua boca. É tempo de cada um escrever sobre si mesmo pela sua pena. Tempo de cada um se assumir sem ingerência, em tudo o que diga respeito às coisas de Cabo Verde. Nacionalismo ou caboverdianidade - é isso mesmo!

Nuno de Miranda

Escritor

Licenciado pela Universidade Clássica de Lisboa.